



Arquivos virtuais e a dinâmica capitalista em redes sociais: tendências contemporâneas no funcionamento discursivo- digital

Juan Monteiro * 
Sóstenes Ericson ** 

Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE)
Editora Responsável

Anderson Almeida da Silva (UFPE)
Editor de Seção – Linguística

Recebido em 08/09/2025.
Aprovado em 25/05/2026.

Como citar:
MONTEIRO, Juan; ERICSON, Sóstenes.
Arquivos virtuais e a dinâmica capitalista em
redes sociais: tendência contemporânea no
funcionamento discursivo-digital. *Revista
Investigações*, Recife, v. 39, n. 2, e267939, 2026.
DOI: [https://doi.org/10.51359/2175-
294x.2026.267939](https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.267939)

Resumo: O funcionamento de sequências discursivas, através de arquivos temporários e/ou de curta duração em redes sociais virtualizadas por tecnologias digitais reproduzidas a partir da lógica binária-algorítmica de encurtamento do espaço-tempo, merece atenção para pensarmos a forma-sujeito constituída em redes digitais. Assim, através de pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso materialista, este trabalho busca analisar práticas discursivas integradas à dinâmica de encurtamento do espaço-tempo e de fetichização de (re)produções como produtos amplamente compartilhados e/ou consumidos em contextos digitais/sociais/virtuais. O *corpus* discursivo decorre de um objeto pautado na descrição de recursos para a reprodução de vídeos curtos.

Palavras-chave: Redes sociais. Discurso digital. Youtube shorts. Reels.

* Universidade Federal de Alagoas. Doutorando em Linguística e Literatura pela UFAL e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: juan_thecalling@hotmail.com.

** Universidade Federal de Alagoas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura e Doutor em Linguística e Literatura pelo PPGL da UFAL. E-mail: sostenes.silva@arapiraca.ufal.br.



INTRODUÇÃO

Selva
A gente se acostuma a muito pouco
A gente fica achando que é o máximo
Liberdade pra escolher a cor da embalagem
(Gessinger, 2007).

Considerando o quanto o capitalismo é selvagem, faz todo sentido metaforizar as sociedades capitalistas como “selvas de pedra” ou até como modos imaginários que extrapolam o plano concreto. Na mesma direção que as tendências e os modos de (re)produção, o capitalismo selvagem exige também o máximo dos sujeitos que ajudam a manter ou expandir sua dinâmica. Assim, considerando suas redes de sentidos, a selva tem avançado para além da pedra, chegando a contextos tecnológicos, como a internet.

Desde quando os primeiros computadores foram inventados e comercializados, a noção de *desktop* – que provavelmente escapa da reflexão crítica – sempre esteve ligada ao trabalho. Em uma tradução mais livre, o termo *desktop* significa “sobre a mesa”, podendo derivar para outros sentidos como no caso da formulação “área de trabalho” de um computador – como de fato é a tradução literal no português brasileiro – quanto a um modelo de computador que é feito para ser montado. Em todas as opções, vemos que os computadores – de sua gênese a suas diversas adaptações e reformulações – sempre aparecem como inovações tecnológicas e, portanto, fazendo funcionar o incentivo ao consumismo capitalista, sempre sem perder o caráter de que é feito para o trabalho, no que tange ao seu funcionamento digital virtualizado, a exemplo do *desktop* ou área de trabalho.

Numa perspectiva ontológica, segundo Lukács (2013), para compreender o sujeito como ser social é preciso que o mesmo seja pensado a partir do trabalho. Por este viés, cabe explicar que, diferentemente das outras espécies, o ser humano:

[...] logrou dar o salto para o trabalho [...] representado um caso-limite, qualitativamente ainda mais desenvolvido nesse

aspecto, as espécies hoje existentes se encontram num estágio claramente muito mais baixo, não sendo viável lançar uma ponte entre estas e o trabalho propriamente dito (Lukács, 2013, p. 43).

Segundo o referido autor, o trabalho transforma/constitui os sujeitos em seres sociais de uma determinada prática ontológica. Assim, convém discutir que outros contrastes, para além do *desktop*, são dados pela dinâmica capitalista nas redes digitais virtualizadas, o que acaba afetando redes sociais que estão integradas a estes espaços. Este funcionamento digital/social/virtual da dinâmica capitalista acontece de modo mais sutil nessas redes, estando integrados a tantas outras tecnologias ou outros dispositivos (com ou sem a “área de trabalho”), para então evocar o pôr teleológico no espaço tecnológico, fazendo parte da práxis social das redes aqui mencionadas.

Na perspectiva materialista da Análise do Discurso, para tratar sobre os efeitos de sentidos em redes, precisamos falar sobre as condições de produção que, historicamente, constituem os dados, em sua discursividade. Em se tratando do conjunto de dados tecnológicos ou propriamente da internet, formulados por três vês (volume, velocidade e variedade), seu momento embrionário remete aos anos de 1960 e 1970. Sua democratização, no entanto, aconteceu no início dos anos 2000, com redes como *Facebook*, *YouTube* e *Orkut* em um fenômeno da formação social capitalista conhecido como *big data*:

O *big data* tem origem no social, e é ali que devemos encontrá-lo e estudá-lo. Explorarei então a proposta de que o *big data* é, acima de tudo, o componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, profundamente intencional e com importantes consequências, que chamo de *capitalismo de vigilância* (Zuboff, 2018, p. 18).

Todavia, na atual conjuntura sociopolítica, questões complexas de classe social, geralmente, escapam à reflexão crítica por parte dos sujeitos que interagem em diferentes redes de significação. Dentre as várias redes, uma possui fator fundamental para a disseminação e/ou o compartilhamento de discursos e enunciados inscritos em formações ideológicas que derivam da dinâmica capitalista. Trata-se de redes virtuais, digitais e sociais que

funcionam através da internet, enquanto redes que (re)produzem sentidos de caráter tecnológico, enquanto funcionam a partir de outros sentidos que, apesar de representar o mundo concreto, não são garantia do real, situado à deriva do *imaginário*, nos termos formulados por Lacan (1985).

Desse modo, as abstrações das redes de internet são atravessadas por distintas formas de representação do real. Embora uma única rede digital possa ser entendida como virtual ou social, as derivações de sentidos imbricadas nesse jogo de equívocos, geralmente, escapam à compreensão do sujeito que enuncia, pois o mesmo faz o uso de dispositivos digitais que o condicionam artificialmente. Quando dizemos “rede social”, podemos estar falando tanto do mundo real que nos escapa, como do mundo virtual e digital, embora exista uma naturalização-cristalização do sentido de rede social como sendo de mundos virtualizados que funcionam de modo digital em redes de internet.

Todo esse emaranhado não se trata de uma questão metafórica ou metonímica, na qual os sentidos em torno das redes possam estar à deriva, mas de efeitos de sentido que escapam ao sujeito no que tange ao caráter algorítmico, ou caráter de composição ou acumulação de dados que constituem o digital e, ao mesmo tempo, ao contraste representativo do que está fora do real dado pelo virtual.

Com base nesses pressupostos, questionamos: como publicações/arquivos em formas reprodutivas de curta duração adquirem efeitos de sentidos em (re)produções discursivizadas em contextos digitais? Face a tal questão, buscaremos analisar práticas discursivas que estejam integradas à dinâmica de encurtamento do espaço-tempo e de fetichização de (re)produções como produtos amplamente compartilhados e/ou consumidos em contextos sociais virtualizados por tecnologias digitais.

Tal objetivo direciona este trabalho para três enfoques específicos: o caráter disruptivo e contraditório da dinâmica capitalista constituída pela velocidade de reprodução virtual junto ao aspecto disseminador de redes sociais; o funcionamento discursivo de arquivos/publicações digitais em sequências enunciativas amplamente reproduzidas virtualmente em redes

sociais; e análise de recortes (unidades de sentido) a partir de informações sobre plataformas/aplicativos de vídeos digitais temporários/arquivados de curta duração em redes sociais virtualizadas.

ARQUIVOS DIGITAIS E PRÁTICAS REDUCTIONISTAS

Cada revestimento binário, que busca reduzir-se a algarismos para representar a linguagem humana em um mundo virtual reproduzido por máquinas, traz à tona a exatidão numérica do capital que foge à regra da polissemia. Afinal de contas, para o capital e seu maquinário, somente a ordem capitalista deve manter a paráfrase por vias, cada vez mais, reductionistas. Isso acontece como algo que traga o social para o virtual que é representativo do real que sempre (em quaisquer redes digitais virtualizadas ou não) escapa do imaginário do sujeito. Assim, devemos considerar que “efeitos de sentido produzidos, então, impactam na circulação da desinformação oficial, se considerarmos sua reprodução em diferentes meios midiáticos e digitais” (Ribeiro; Ericson, 2022, p. 132).

Em nível discursivo, o acontecimento “tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão” (Pêcheux, 2002, p. 56). Trata-se, em termos digitais, de um discurso reductionista em formato de arquivos, que contraditoriamente se cristalizam segundo a dinâmica do capital. Desse modo, há uma naturalização dos modos discursivos-digitais imbricados às práticas sociais virtualizadas através do digital das máquinas, ou seja, que não funcionam mais de modo analógico, porém cada vez mais virtual e com programações ou sequências numéricas:

Nas mídias digitais, esse suporte físico praticamente desaparece, e os dados são convertidos em sequências numéricas ou de dígitos — de onde digital — interpretados por um processador capaz de realizar cálculos de extrema

complexidade em frações de segundo, o computador. Assim, em uma mídia digital, todos os dados, sejam eles sons, imagens, letras ou qualquer outro elemento são, na verdade, sequências de números. Essa característica permite o compartilhamento, armazenamento e conversão de dados (Martino, 2014, p. 11).

Há um caráter técnico em jogo na língua/linguagem que, em última instância, constitui o sujeito do/no digital: “Do ponto de vista da marca linguístico-discursiva, o símbolo técnico se junta a outras materialidades verbais e imagéticas para produzir determinadas direções de sentido” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 236). No nosso entendimento, a problemática da repetição/replicação em situações relacionadas a contextos sociais virtualizados por tecnologias digitais tem forte ligação com a noção de arquivo (Pêcheux, 1997). De todo modo, muitas vezes, não existe “um sujeito de enunciação para traduzir no terreno político o enunciado”, uma dada “verdade” (Guilhaumou; Maldidier, 2016, p. 231), mas ainda assim enunciados ecoam cumprindo o seu papel ideológico.

Aqui nosso interesse se volta ao funcionamento discursivo de arquivos que literalmente acontece com prazo de validade para expirar e, de modo paradoxal havendo possibilidade de retornos. Em ambos os casos, esses acervos (Pêcheux, 2002) digitalizados em contextos sociais virtualizados operam a partir de formações ideológicas que corroboram a formação social capitalista. Com caráter fetichista cada vez mais *cyber*, trata-se de tendências bastante frequentes segundo os mecanismos de produção acelerados e repetitivos, e programados/integrados por dados em mídias digitais. Assim, os arquivos digitais simulam a noção de liberdade, de um mundo sempre novo com o tecnológico rápido, prático e eficiente. Ou seja, um ecossistema inovador que se transforma continuamente, para, aparentemente, melhorar a vida do usuário, mas que atua para engrenar os sujeitos na estrutura capitalista.

Atualmente, o *YouTube*, algumas redes da *Meta Platforms* (em especial *Instagram*, *Facebook*, *Messenger* e *WhatsApp*) e tantas outras ferramentas digitais dispõem de recursos que derivam de um funcionamento discursivo alinhado à dinâmica capitalista através das chamadas *trends* (tendências). Tais ambientes operam através do digital virtualizado e são reconhecidos pelos

internautas como redes sociais, em uma engrenagem na qual a deriva dos sentidos nos conduz aos espaços virtualizados.

Há aqui um deslocamento de sentido e, assim, o social das redes sociais do mundo real escapa, podendo escapar também o digital, o tecnológico (com processamento e armazenamento de dados), que funciona abstratamente a partir de um sistema de dados virtualizados. Esta cristalização/naturalização em torno da designação redes sociais já foi discutida por Michel Pêcheux em *Ler o arquivo hoje* (1997), em um momento talvez embrionário dessas redes tecnológicas. De acordo com o referido autor,

[...] nos encontramos diante de uma nova divisão do trabalho de leitura, uma verdadeira reorganização social do trabalho intelectual, cujas consequências repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica (Pêcheux, 1997, p. 62).

Trata-se de um ponto fundamental para tratar sobre o apagamento da memória histórica e, ao mesmo tempo, da cristalização/naturalização deste apagamento, junto ao funcionamento da dinâmica capitalista em redes sociais virtualizadas pelo digital.

Ainda para Pêcheux (1997), há uma ambiguidade diretamente ligada à informática e às possibilidades de expansão dos privilégios literários:

No cerne da questão: a ambiguidade fundamental da palavra de ordem mais que centenária “aprender a ler e a escrever”, que visa ao mesmo tempo a *apreensão de um sentido unívoco* inscrito nas regras escolares de uma assepsia do pensamento (as famosas “leis” semântico-pragmáticas da comunicação) e o trabalho *sobre a plurivocidade do sentido* como condição mesma de um desenvolvimento interpretativo do pensamento (Pêcheux, 1997, p. 62).

Desse modo, Pêcheux já indicava uma perspectiva para a leitura dos *cyber*-arquivos de hoje, momento cada vez mais imbricado ao fazer técnico, especialmente em relação ao tecnológico. Assim, há espaço para a polissemia do novo tecnológico e aparentemente com tendências libertárias em redes, mas há também *cyber*-tendências (tendências de contextos sociais e/ou redes digitais virtualizadas pelo digital), que reproduzem a dinâmica capitalista e, portanto, um efeito parafrástico dos modos de produção deste sistema, modos que são reproduzidos por sujeitos internautas por arquivos de vídeos,

áudios, imagens, etc., diversos formatos. Tratamos aqui sobre a rapidez com que os arquivos circulam com novas formas de leituras que fazem a engrenagem do capital funcionar, sempre buscando apagar as possibilidades de reflexão-crítica do sujeito que enuncia nessas redes que determinam formas interativas artificialmente digitalizadas.

Nesse sentido, as *cyber*-tendências estão integradas à dinâmica de encurtamento do espaço-tempo e de fetichização de (re)produções. Isto acontece porque tais tendências são reproduzidas como produtos amplamente compartilhados e consumidos. Desse modo, tanto o consumo como o compartilhamento funcionam de acordo com a dinâmica de velocidade de reprodução no quesito arquivamento. Em alguns contextos, a exemplo de *status* (WhatsApp) e *stories* (Instagram), são programados para durar até 24 horas.

Por esta razão, no presente artigo, o enfoque se volta a arquivos em diferentes plataformas/aplicativos que possuem recursos para arquivamento de imagens (fotos, vídeos, *gifs*, etc.) e mensagens que geralmente ficam disponíveis por um curto período de tempo. Assim, tornam-se inacessíveis em uns casos, podendo retornar em outras possibilidades de compilações de outras publicações do mesmo gênero e/ou de restauração na íntegra em espaços discursivizados do mesmo aplicativo ou plataforma. Nesses dois casos, há um retorno à memória para repetir o mesmo, de forma parafrástica ou como um enunciado, que não sofre alterações:

Assim, chegamos às primeiras reflexões em torno de *memória*: se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados (Indursky, 2011, p. 70).

A repetição, ou seja, enunciados reproduzidos na íntegra ou ainda o que é parafraseado, produz um efeito de sentido que pode ser tomado como efeito de memória: tudo aquilo que “pelo viés do regime de repetição tornou-se memorável” (Indursky, 2011, p. 74). Desse modo, o jogo de repetição discursiva é consolidado no imaginário coletivo quando produz

determinados efeitos de sentido, pela via da repetição/cristalização, em uma dada formação social, cujas formações discursivas e ideológicas sejam criadas a partir de pressupostos que, mesmo contraditoriamente, estejam conectados pelo fio do sentido.

No tocante às redes do mundo virtual, os sentidos são transmitidos também por fios que garantem a dinâmica de um mundo aparentemente integrado e sem fronteiras, uma vez que as conexões via internet marcam “a lógica cultural do capitalismo tardio” (Jameson, 1997) ou o “realismo capitalista” (Fisher, 2020).

Pensando a partir da afirmativa pecheutiana, de que um “discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (Pêcheux, 1997, p. 77), compreendemos que todas as condições postas aqui indicam que as produções discursivizadas em redes de internet funcionam de acordo com o *reducionismo capitalista*, pois tal caráter se estabelece pela velocidade e expansão de sua dinâmica. Assim, entender a dinâmica binária-algorítmica é fundamental para compreender o funcionamento discursivo em redes, que buscam garantir a integração dos sujeitos como parte de uma linha de produção.

O BINÁRIO/ALGORÍTMICO NAS REDES SOCIAIS VIRTUALIZADAS PELO DISCURSO DIGITAL

Como Dias (2016, p. 10) afirma, passamos por uma “digitalização do mundo, ou seja, práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso deslocam o campo da “luta” para uma inscrição na forma digital”. Na perspectiva da Análise de Discurso Digital (ADD), Paveau (2016) afirma que:

[...] o digital integra etimologicamente a natureza da informação produzida, ou seja, sua codificação binária, e permite não perder de vista a dimensão técnica das produções

escritas, independentemente dos dispositivos ou gêneros e formas em questão” (Paveau, 2016, p. 19).

Como se nota, direta ou indiretamente, a ADD faz uma associação do *digital* com o *social*, não estando o *virtual* sendo evocado para tratar da relação do sujeito com o imaginário em todo e qualquer âmbito. Isto talvez decorra de algo que Grigoletto (2005) associa ao espaço de entremeio (virtual), ao tratar sobre o lugar discursivo (determinado pelo discurso) e o lugar empírico (determinado pelo social), estando ambos intrincados, determinando dialeticamente um ao outro, atravessados por um caráter virtual.

A partir do que vimos apresentando, é preciso realçar o contraste social, digital e virtual das redes tecnológicas, considerando certa atribuição de sentidos entre a cristalização/naturalização da relação entre estes termos hoje. Os modos de (re)produções desses contextos, inclusive com relação ao que afeta o imaginário social sobre as próprias redes, são formas sociais oriundas da dinâmica capitalista. Este social integrado ao capital tem funcionado como “os bens culturais à disposição de todos, tornando leve e agradável a absorção das noções” (Eco, 2015, p. 7).

Há também um caráter cultural, de “relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido” (Pêcheux, 1995, p. 49) e que, portanto, não deve ser confundido com a ideologia, mas pensado como possibilidade de deslocamentos de formações ideológicas no/do chamado mundo do trabalho, ou seja, o mundo contemporâneo no qual a base capitalista o determina. Nessa perspectiva,

[...] só podemos falar racionalmente do ser social quando concebemos que a sua gênese, o seu distinguir-se da sua própria base, seu tornar-se autônomo baseiam-se no trabalho, isto é, na contínua realização de pores teleológicos (Lukács, 2013, p. 52).

Afinal, não se trata apenas de espaços discursivizados de usuários integrados que fazem funcionar a dinâmica binária-algorítmica das redes tecnológicas, mas também de usuários que buscam faturar com vendas, utilizando serviços de plataformas para impulsionar anúncios, e com serviços, como os chamados conteúdos (re)produzidos por “influenciadores digitais”.

Em uma espécie de forma embrionária de um *Admirável Mundo Novo* como o criado/previsto por Aldous Huxley (2001), no qual, através de inovações tecnológicas, que servem ao capital, as formações capitalistas integram o social ao digital virtualizado, constitui-se assim um processo de interpelação de sujeitos internautas.

Por esta via, se considerarmos o caráter histórico por uma via materialista (para demonstrar as contradições) e também dialética (com vistas à luta de classes¹), identificaremos que há um caráter disruptivo em jogo. Trata-se de um caráter que pode barrar a reflexão-crítica por parte do sujeito, que é sujeito da/na memória discursiva da/na formação social capitalista. Desse modo, o sujeito se torna incapaz de perceber a “memória do dizer” na superfície linguístico-discursiva, face a um “conjunto *complexo*, ou seja, um conjunto com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus ‘elementos’, e não um simples rol de elementos” (Pêcheux, 1996, p. 144). Assim, estabelece-se a “forma-sujeito” (Pêcheux, 1996) no digital, no social e no virtual, mas pensemos nestas redes como redes de memória que não são a-históricas, pois

Constituem-se em trajetos das redes de filiação histórica que enformam (dão forma) as interpretações. São parte do nosso imaginário social de ser [...]. Compõem as coisas a saber, no funcionamento histórico do simbólico: o que delimita o dizível, o significável, na relação com o interdiscurso (memória do dizer) (Orlandi, 2002, p. 25).

É notório o quanto a memória marca a forma-sujeito no interdiscurso, sendo importante salientar que existem várias redes de memórias que, ao se tornarem memoráveis (Indursky, 2011), indicam as filiações ideológicas e discursivas do sujeito. Todas as redes de memórias marcam as formações ideológicas por processos identitários mobilizados por formações discursivas no interdiscurso. Nesse sentido, considerando as redes sociais virtualizadas pelo digital, existe um arsenal incontrolável de redes de significação nesses meios: há aqui espaço para o intradiscurso, com acontecimentos da dinâmica de encurtamento do espaço-tempo e de fetichização, (re)produzidos, circulantes e consumidos em contextos sociais virtualizados no que tange a dados digitais em acúmulo nas redes de informação.

¹ Em última instância, a produção e o consumo acentuam as desigualdades entre classes sociais, sendo estas mascaradas pelas promessas do capitalismo por meio de estratégias de fetichização ou de alienação dos sujeitos. No caso das redes sociais virtualizadas pelo digital, há ainda uma promessa de democratização das oportunidades.

Desse modo, nas redes sociais virtualizadas em contextos digitais, o binário e o algorítmico são essenciais para que a dinâmica capitalista funcione. Domingos (2017) aponta indícios sobre a forma como o simbólico pode afetar os sujeitos internautas através da lógica algorítmica:

O simbolismo é o caminho mais curto para o Algoritmo Mestre. Ele não exige saber como a evolução ou o cérebro funciona e evita as complexidades matemáticas do bayesianismo. Conjuntos de regras e árvores de decisão são fáceis de entender, logo sabemos do que o aprendiz é capaz. Isso facilita descobrir o que ele está fazendo de certo e errado, corrigir os erros e ter confiança nos resultados (Domingos, 2017, p. 70).

Apesar destas contribuições de Domingues (2017) sobre o *Algoritmo Mestre* estarem mais próximas da lógica algorítmica sem um caráter lógico-matemático, há também, aparentemente, um contraste binário em jogo, pois a materialidade discursiva, que se virtualiza nas redes sociais de âmbitos tecnológicos, compõe um sistema numérico na programação de sistemas tecnológicos representados num espaço virtual. Desse modo, quando sujeitos do mundo real são previstos por representações do virtual é sinal de que o simbólico das redes está funcionando conforme as grandes corporações pensam sobre o imaginário dos sujeitos. Nesse sentido, a captura dos sujeitos do mundo real pelo simbólico do virtual é já efeito do funcionamento do imaginário pelas redes sociais. Na superficialidade, formações ideológicas do universo empreendedor legitimam a dinâmica do capital, da formação social capitalista, nas redes movimentadas pelos sujeitos internautas.

Na medida em que se integram, estes sujeitos mobilizam os sentidos de acordo com os objetos simbólicos redimensionados pelas *cyber*-tendências. Nessa perspectiva, há de se priorizar

[...] a produção dos objetos simbólicos em movimento, como parte de uma história em que sujeitos e sentidos se constroem. Não se está aí, pois, no domínio de uma epistemologia positivista (sic) mas histórica, isto é, na qual não há separação e hierarquia entre sujeito-objeto (Orlandi, 2002, p. 27).

Assim, um gesto de análise materialista colabora para a produção do conhecimento acerca da luta de classes e das desigualdades enraizadas nas diversas redes sociais-ideológicas discursivizadas no/do mundo capitalista,

filiadas ao modelo positivista ou lógico-matemático, muito bem adaptado às pesquisas sobre as redes. Partindo do pressuposto de que há diferentes noções (digital, virtual, social) já postas para os sujeitos integrados a esta “tríplice aliança” nos moldes da formação social capitalista, é importante que apontemos como o sujeito interpelado pelo empreendedorismo se inscreve no discurso neoliberal materializado no mundo novo/tecnológico.

CORPUS DISCURSIVO

Compreendendo *corpus* discursivo para além de um “conjunto de sequências discursivas estruturado segundo um plano definido em referência a um certo estado das condições de produção do discurso” (Courtine, 2014, p. 114), é importante pensar sobre a formação do *corpus* em torno da materialidade discursiva tomada sob a égide do conhecimento, que se constitui em um trabalho de interpretação por um dispositivo teórico (noções da Análise do Discurso) e um dispositivo analítico (especificidade da análise). Assim, materialidade discursiva e *corpus* discursivo não devem ser confundidos, uma vez que isto se dá pelo fato deste último ser um objeto de análise, que é útil para capturar as materialidades discursivas através dos recortes osequências discursivas (SDs) obtidos no processo de análise.

Segundo a perspectiva materialista da Análise do Discurso, o recorte “é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é fragmento da situação discursiva” (Orlandi, 1984, p. 14). A referida autora explica que o recorte se difere do segmento, que se trata de uma unidade do sintagma ou da frase que de forma linear estipula níveis de análise. Desse modo, em cada recorte são extraídas unidades menores, o que “abre perspectivas concretas de uma linguística das sequências discursivas, indispensável para o estudo disso que a análise de discurso caracteriza como intradiscurso” (Pêcheux, 2014, p. 228).

No caso da presente pesquisa, há uma noção de memória funcionando como acontecimento e isto influencia tanto a interpretação do sujeito das redes como do trabalho de interpretação do analista:

Uns se ligam à exposição, à história, os outros, à competência técnica. A função-autor também não é a mesma nos dois casos, e acreditamos que, atualmente, estamos num processo agudo de mudança na forma da autoria, tendo isto tudo a ver com a distinta materialidade das memórias. E com os modos de interpretação (Orlandi, 2007b, p. 18).

Tendo em conta que as materialidades discursivas trazidas no presente artigo são materialidade de memórias que desaparecem em grande parte dos casos, os recortes serão extraídos da descrição de recursos digitais das redes sociais virtualizadas. Para a formação do *corpus* discursivo foram tomados recortes provenientes das seguintes plataformas: *YouTube* e *Instagram*. Os recursos e as formas descritos nas respectivas plataformas são *YouTube Shorts* e *Stories*.

Os recortes que compõem o *corpus* da presente pesquisa são formulados a partir de trechos de tela capturados a partir da tecla *Print Screen* em dispositivos digitais:

Figura 1: *YouTube Shorts*



Fonte: *Print* da Central de Ajuda do YouTube².

² Disponível em:
https://support.google.com/youtube/answer/10059070?hl=pt-BR&ref_topic=10343432.
 Acesso em: 20 nov. 2022.

Na Figura 1, o título convida o leitor/internauta a integrar-se a este “mundo novo”, a esta novidade que é tendência nos meios sociais

virtualizados pelo digital. Desse modo, os “primeiros passos” são acompanhados de um título que explica ao leitor/internauta o que é o *Youtube Shorts*. Por sua vez, na imagem, que aparece no vídeo que vem logo abaixo, há uma série de opções em símbolos como música, temporizador, dentre outros, que indicam as possibilidades deste recurso aparentemente dinâmico para o sujeito que busca empreender em redes sociais virtualizadas no digital. Esta nova forma de trabalho no/do “mundo sem memória” (Fisher, 2020) para sujeitos “integrados” (Eco, 2015), trata-se de um novo “pôr teleológico” (Lukács, 2013), que fortalece ou naturaliza o discurso do empreendedorismo, “como expediente fundamental da comunicação no capitalismo, em sua fase neoliberal” (Silveira, 2018, p. 36).

Recorte 1

O YouTube Shorts é um recurso para qualquer pessoa se conectar com um novo público usando apenas um smartphone e a câmera do Shorts no app YouTube.

No recorte 1, extraído da primeira parte do texto exposto na figura 1, é possível formular excertos que contribuem no percurso analítico. No trecho “O YouTube Shorts é um recurso para qualquer pessoa” há uma designação generalista que serve para incluir os diferentes tipos de sujeitos na dinâmica tecnológica, algo que se acentua com o fato de que através deste recurso é possível “se conectar com um novo público”. Aqui, o sujeito é descrito como um empreendedor/influenciador que possui um “público”. Apesar do usuário do *YouTube Shorts* estar diante de uma possibilidade de vendas de ideias, produtos, etc., conteúdos em geral, esta formulação pode se configurar como a venda de uma ferramenta digitalmente virtualizada que é apresentada como recurso de um outro produto bastante popular, o *Youtube*, no qual bilhões de faturamentos e propagandas são gerados (“As 28 maiores redes sociais do mundo”, 2022). Por sinal (como é dito ao fim do recorte 1), “usando apenas um smartphone e a câmera do *Shorts* no app *YouTube*”, a facilidade e a acessibilidade para os seus usuários são trazidas a cada inovação, sendo acentuadas com o desenvolvimento tecnológico.

No século XXI, o desenvolvimento das tecnologias de informação traz consigo novas formas de significar as relações sociais, políticas e urbanas. Na esteira desse movimento, conceitos como globalização, mundialização, virtualização, mobilidade, acessibilidade e sociedade em rede tornam-se termos importantes na formulação, produção e circulação do conhecimento (Massmann; Barros, 2013, p. 93).

Estas novas formas de significação da era técnica, com grandes disputas em *cybers*-espaços, funcionam com/por um caráter social-digital-virtual, pois há relações entre sujeitos a partir de dados algorítmicos/binários que representam o mundo concreto, o real virtualizado: “algo que se produz após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro, ou seja, o sujeito não percebe que se encontra convocado a se colocar no simbólico” (Pêcheux, 1995, p. 63). Nisto está o caráter disruptivo das redes, em especial dos *Shorts*, e dos *Stories* que são analisados mais adiante a partir da figura 2. Assim, tem-se então um sujeito, cada vez mais, integrado às redes que são digitalmente virtualizadas, mas que já se cristalizaram/naturalizaram no imaginário do sujeito como redes sociais. Tal condição provoca um apagamento no que tange à reflexão crítica sobre o mundo concreto, pois é como se não houvesse redes sociais no mundo real.

Recorte 2

As ferramentas do YouTube Shorts facilitam a criação de vídeos curtos de até 60 segundos com a câmera que permite gravar vários segmentos.

No recorte é possível pensar o enunciado “As ferramentas do YouTube Shorts facilitam a criação de vídeos curtos” (recorte 2) como uma paráfrase do que trouxemos no excerto do recorte 1 sobre a facilidade/acessibilidade, conforme tratado por Massmann e Barros (2013). Aqui, a paráfrase sobre uma “ferramenta” tecnológica que serve para a “criação” não é somente uma forma de integrar o sujeito ao novo, mas também a uma tendência das redes sociais virtualizadas, as chamadas *trends*

(*tendências*, em inglês), evocando outra naturalização, as tendências dos *cyber*-espaços, especificamente de vídeos curtos.

O que é dito explicitamente nesse excerto sobre a *trend* é reafirmado no enunciado “de até 60 segundos com a câmera que permite gravar vários segmentos”. É importante ressaltar que o significante *trend* possui um efeito de sentido *cyber* (associado aos contextos tecnológicos de aplicativos com possibilidades de (re)produção de vídeos curtos) quando dito no português brasileiro e nos limitamos a esta significação, pois as ferramentas/plataformas fazem significar dentro destes limites da língua e da linguagem.

Nesse sentido, do ponto de vista que se pretende estabilizado, o termo tendência deriva do latim *tendentia*, particípio presente e nome plural substantivado do verbo *tendere*, indicando “tender para”, “inclinarse para” ou ser “atraído por” (Campos; Wolf, 2018). Desse modo, contribui implicitamente com o significante *trend*, funcionando para o sujeito usuários/integrados como “vídeos curtos de até 60 segundos”. Trata-se de um funcionamento característico da dinâmica capitalista, assim como da dinâmica das *cyber*-redes, que já vinha funcionando muito antes do significante *trend* ser evocado, por exemplo, em outros aplicativos como *TikTok* e *Kwai*, que ganharam popularidade entre os *cybers*-sujeitos³, levando a criação dos *Reels* – por plataformas do grupo *Meta Platforms* – e posteriormente do *Shorts* pelo *YouTube*.

De modo um pouco diferente, pois se apagam diferentemente dos *Shorts* e *Reels* que ficam disponíveis em bancos de dados digitais de suas respectivas plataformas, os *Stories* também funcionam no formato de vídeos curtos, sendo acessíveis por apenas 24 horas por seus usuários. Por sua vez, *Shorts* e *Reels* (*trends* em geral) são uma variação desta ferramenta (*Stories*) que surgiu em 2013 no *Snapchat*, chegando ao *Instagram* em 2017, expandindo para várias outras redes/plataformas nos anos seguintes. São estabelecidas aqui as variações de sentidos e de funcionamentos em diferentes redes digitais/virtuais/sociais.

³ Sujeitos integrados as redes sociais virtualizadas por contextos digitais.

Vejamos a seguir a Figura 2 com uma descrição sobre o recurso *Stories*:

Figura 2: *Stories*



Fonte: Print da Central de Ajuda do Instagram⁴.

⁴ Disponível em:
<https://about.instagram.com/pt-br/features/stories>.
 Acesso em: 13 dez. 2022.

Com uma espécie de título que não será recortado como o que segue na figura 2 e a seguir no recorte 3, destacamos o enunciado “Compartilhe seus momentos do dia a dia”, situado ao lado direito, fazendo referência para a ferramenta *Stories*, uma palavra em inglês do plural de *story* (história). No lado esquerdo, é possível notar o trecho de uma reprodução do recurso: vídeos muito rápidos (entre 2 e 3 segundos) passam como ilustração/exemplo do funcionamento da ferramenta. Mas, porque a forma plural do termo “história” e não a singular? Assim como os *Reels*, *Shorts* e tantas outras formas plurais que existem ou podem existir futuramente como uma variação do *Stories* e/ou com um funcionamento parecido, os “momentos do dia a dia” são demonstrados como momentos (plurais) discursivizados em espaços virtualizados pelo recurso digital. Desse modo, a injunção “compartilhe” indica a naturalização de uma estratégia discursiva imperativa, que induz o leitor/internauta a utilizar este espaço para se socializar. Vejamos no recorte abaixo sobre “como funciona”:

Recorte 3

Capture momentos facilmente.

O recurso Stories é uma forma rápida e fácil de compartilhar momentos e experiências. Use texto, música, figurinhas e GIFs para dar vida à sua história.

No enunciado “Capture momentos facilmente”, mais uma vez um verbo no imperativo comparece no início da descrição de algo que, aparentemente, não possui um teor autoritário. Todavia, como Orlandi (2001, p. 84) afirma, “no discurso autoritário, temos a polarização da paráfrase”. Em outros termos, as formas verbais imperativas “compartilhe” e “capture” são formas polarizadas parafraseadas pelo efeito autoritário.

Com significantes do funcionamento do discurso autoritário, a dinâmica capitalista está presente nas redes, conforme observado na rapidez presente na velocidade das (re)produções: “O recurso Stories é uma forma rápida e fácil de compartilhar momentos e experiências” (recorte 3). Essa “forma rápida” faz parte é expressão da “universalidade social do tempo de trabalho socialmente necessário enquanto regulador de toda produção econômico-social”, que “aparece no capitalismo numa forma fetichizada-reificada e, também por essa razão, é vista como peculiaridade de tal formação” (Lukács, 2013, p. 168). A fetichização dessa formação social capitalista de um contexto *cyber* (o *Stories* do *Instagram*) determina a cadeia de significação da dinâmica capitalista a partir da ideia de facilidade para “compartilhar momentos e experiências”.

Para além deste âmbito, essa rapidez e facilidade das redes está em diversos outros espaços e recursos. Se antes tínhamos apenas formas discursivizadas simples de interações por mensagens escritas/digitadas, hoje podemos nos representar com *emojis* ou apenas reações, uma vez que estas últimas eram *likes* e *deslikes* em diversas plataformas e/ou diversos aplicativos, somente para poder conversar/reagir com o outro. Estas aparentes facilidades e rapidez reduzem o sentido do discurso quase que como uma forma numérica, algo que faz parte do funcionamento binário-algorítmico dos contextos digitais, pois em todas estas interações sociais virtualizadas há uma sequência numérica para significar algo no qual o sentido deriva da formação social capitalista.

Boa parte das estratégias discursivas das grandes corporações das *cyber-redes* visam à aceleração dos processos nos quais o sujeito-internauta se integra, havendo várias opções como no exposto no recorte 3: “Use texto, música, figurinhas e GIFs para dar vida à sua história”. Dessa maneira, mais uma vez com um verbo no imperativo, os vídeos curtos são apresentados/explicados como um modo de comunicação que pode ser expressada de diversas formas: o que apaga o reducionismo desta forma de exibição (tendência entre as tecnologias da comunicação e informação) da representação de um pequeno fragmento da história dos sujeitos que venham a utilizar a ferramenta.

Nesse sentido, “texto, música, figurinhas e GIFs” podem representar o sujeito, enquanto “uma forma rápida” (recorte 3) de compartilhamento, criando um efeito de sentido de que se trata de uma forma dinâmica, fácil, acessível (para qualquer pessoa/recorte 1) e simples. Além disso, é silenciado que a dinâmica capitalista está presente em toda esta velocidade, em representações do sujeito social por ferramentas digitais virtualizadas. Isto corrobora o que Orlandi (2007a, p. 49) afirma: “o não-dito necessário para o dito”. Desse modo, o sujeito-internauta é reduzido ao contraste disruptivo das redes, nas quais códigos e números funcionam por uma lógica binária-algorítmica, junto com o sujeito que desliza com o dedo para cima na tela de seu dispositivo sem se dar conta de que faz parte deste sistema binário de códigos e números, que rendem faturamentos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considerando o surgimento e a continuidade das tecnologias através da comunicação e informação digitalizadas, tratamos da (re)produção da dinâmica capitalista de forma cada vez mais acentuada em suas redes sociais virtualizadas. A análise demonstrou que há um contraste reducionista nos arquivos digitais, pois estes possuem um caráter técnico, sendo possível

pensar sobre as desigualdades enraizadas nas diversas redes sociais-ideológicas discursivizadas no/do mundo capitalista, que corroboram o modelo positivista ou lógico-matemático.

Os recortes extraídos de *links* do *Instagram* e *YouTube*, sobre a descrições de suas ferramentas *Stories* e *YouTube Shorts*, deram origem ao material analisado sobre o discurso digital, atravessado por tendências (*trends*) compostas por postagens/publicações de curta duração. As análises apontaram para um apagamento da dinâmica capitalista, funcionando através da naturalização de um contexto digital virtualizado, que tende a integrar os sujeitos as suas *cyber*-tendências, através de uma forma discursiva altamente compartilhada/reproduzida como “um recurso para qualquer pessoa se conectar” (recorte 1) ou “para dar vida à sua história” (recorte 3).

Nesse mundo social virtualizado, que aparentemente permite que nele os sujeitos sejam livres, do modo que não podem ser no mundo real, as redes sociais existem de forma diferente e a forma-sujeito é estabelecida não somente por regras do mundo concreto que funcionam também no mundo digital, mas por regras estritamente relacionadas a um mundo matemático binário-algorítmico, inclusive no que poderíamos definir como semanticamente instável, dadas as condições de produção dos sentidos em redes discursivo-digitais.

É justamente por essa via que podemos nos aproximar da compreensão do real no/do virtual, através de questões que envolvem a luta de classes que, por sinal, na medida em que os sujeitos das redes sociais virtualizadas em contextos digitais se integram a elas, enquanto a compreensão desta luta escapa. Desse modo, tem sido extremamente complexo pensar na luta de classes em relação aos meios de produção, cada vez mais voláteis, sofisticados e inovadores em contextos tecnológicos atravessados por aspectos sociais, digitais e virtuais.

Assim, é preciso atentar ao funcionamento discursivo/ideológico, considerando criticamente as inovações tecnológicas dos mais variados tipos, como algo que faz parte da máquina capitalista e, acima de tudo, que integra os sujeitos-internautas a estes sistemas (ou subsistemas), cedendo a

fetichização/alienação desses meios. Apesar da importância do que apresentamos, não é preciso ser totalmente “apocalíptico” (Eco, 2015), pois estaríamos à margem dos discursos digitais e à deriva de diversos sentidos que já são próprios da sociedade da era técnica e tecnológica.

Concordando com Zuboff (2018), diferentemente das máquinas de modo geral, somente a tecnologia da informação é capaz de automatização e informatização, havendo no caso desta última uma consequência para uma nova forma social do trabalho: o “texto eletrônico” (Zuboff, 2018, p. 21). Nesse sentido, cada vez mais o ambiente de trabalho passou a ser mais “mediado” pela tecnologia, assim como os sujeitos tiveram de se integrar a esta ferramenta *cyber*, que funciona de acordo com a dinâmica de mercado, marcada por outras mediações sociais de relações de autoridade/poder, orientadas pela acumulação do capitalismo financeiro/corporativo e suas novas formas de mercado, pautadas em emergências de diferentes lugares históricos, sociais e ideológicos. Com o advento da tecnologia, esses lugares são lugares sociais virtualizados pelo digital, onde o capital age com relação às condições de produção que determinam a forma-sujeito predominante no capitalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, A. Q.; WOLF, B. O Conceito de Tendência na Moda: significado, histórico, conotação. *Modapalavra e-periódico*, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 011–48, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/11754>. Acesso em: 23 nov. 2023.

COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2014.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Redisco*, 10 (2), 8-20, 2016. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1283>. Acesso em: 23 nov. 2024.

DOMINGOS, P. **O Algoritmo Mestre**: como a busca pelo algoritmo de machine learning definitivo recriará nosso mundo. São Paulo: Novatec, 2017.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FISHER, M. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Cotia/SP: Autonomia Literária, 2020.

GESSINGER, H. **No meio de tudo, você**. Compositor. Intérprete: Engenheiros do Hawaii. Universal Music Group, 2001. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/engenheiros-do-hawaii/no-meio-de-tudo-voce.html>. Acesso em: 22 nov. 2024.

GRIGOLETTO, E. **O discurso de divulgação científica**: um espaço discursivo intervalar. [Tese de doutorado]. UFRGS, Instituto de Letras, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/5322>. Acesso em: 20 set. 2023.

GRIGOLETTO, E; GALLI, F. C. S. O funcionamento discursivo das hashtags: processo de (des)identificação ou aderência?. In: GRIGOLETTO, E; NARDI, F S.; SILVA SOBRINHO, H. F. (Org.). **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. Campinas/SP: Pontes Editores, 2021. p. 235-252.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Da enunciação ao acontecimento discursivo em Análise do Discurso. In: GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. (Org.). **Discurso e Arquivo**: experimentações em Análise do Discurso. Campinas/SP: Ed da Unicamp, 2016. p. 225-233.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2001.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: Indursky, F.; MITTMANN, S; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo, Boitempo, 2013.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

ORLANDI, E. P. A Língua Brasileira. In: ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico**: por uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2007a. p. 19-32.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2007b.

ORLANDI, E. P. Recortar ou segmentar? In: **Linguística**: Questões e Controvérsias. Série. Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09-26.

PAVEAU, M-A. L'écriture numérique. Standardisation, delinearization, augmentation. **Fragmentum**, 1 (48), 105-127. Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23296>. Acesso em: 23 nov. 2023.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 74-79.

PÊCHEUX, M. Especificidade de uma disciplina de interpretação (A análise de discurso na França). In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux – textos escolhidos por E. P. Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 2014. p. 227-230.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de Leitura**: da História no discurso. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 1997. p. 55-67.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução por Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas/SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1995.

RIBEIRO, C.; ERICSON, S. “Pais de maricas”: negacionismo binário no discurso bolsonarista sobre a covid-19. **Revista do GELNE**, v. 24, n. 2, p. 128-138, 2022.

SEMRUSH. As 28 maiores redes sociais do mundo. **Semrush Blog**, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://pt.semrush.com/blog/maiores-redes-sociais/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SILVEIRA, S. A. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. (Org.). **A sociedade de**

controle: manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018. p. 31-46.

ZUBOFF, S. Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, F. et al. **Tecnologias da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-68.

Virtual files and the capitalist dynamic in social media: contemporary trends on the digital discourse

Abstract: The logic of the discursive sequences displayed through temporary files (reels, stories, shorties) in social media, reproduced through the binary algorithm logic, should be closely observed to understand the subject formed in this environment. Thus, throughout methodologic-theoretical frameworks of the materialistic Analysis of Discourse, this work aims to analyze the discursive practices integrated into the time-shortened virtual dynamics broadly broadcasted and consumed in the social-digital-virtual environment. The discursive corpus originates from a subject based on the description of the resources of these short videos.

Keywords: Social media. Digital discourse. Youtube shorts. Reels.

Archivos virtuales y dinámicas capitalistas en las redes sociales: tendencias contemporáneas en el funcionamiento digital-discursivo

Resumen: El funcionamiento de las secuencias discursivas, a través de archivos temporales o de corta duración en redes sociales virtualizadas por tecnologías digitales, reproducidas mediante la lógica binaria-algorítmica del acortamiento espacio-temporal, merece atención para considerar la forma-sujeto constituida en las redes digitales. Así, a través de los supuestos teóricos y metodológicos del Análisis del Discurso materialista, este trabajo busca analizar las prácticas discursivas integradas en la dinámica del acortamiento espacio-temporal y la fetichización de las (re)producciones como productos ampliamente compartidos o consumidos en contextos digitales, sociales y virtuales. El corpus discursivo deriva de un objeto basado en la descripción de recursos para la reproducción de videos cortos.

Palabras clave: Redes sociales. Discurso digital. Cortos de YouTube. Reels.